

A paisagem enquanto fenômeno vivido

Luiz Otávio Cabral*

Resumo

Este ensaio procura articular idéias que permitam refletir sobre a paisagem enquanto fenômeno vivido. Para tanto, recorre-se à geografia humanista enquanto abordagem preocupada com a subjetividade das interações humanas com o meio ambiente. Enquanto “uma porção do espaço apreendida com o olhar”, entende-se que a paisagem assume diferentes sentidos segundo o modo de olhar (atribuir significados). Nesse caso, a paisagem é enquadrada como campo de visibilidade e de significação individual e sócio-cultural.

Abstract

This paper aims at articulating thoughts (ideas) that allow to reflect about the landscape as living phenomenon. In order to do so, it is used the humanistic geography as an approach concerned with the subjectivity of the human relations with the environment. While “a portion of the space is captured with the look”, it is understood that the landscape takes into account different meanings according to the way of looking (apply meanings). In this case the landscape is portrayed as a visibility field and of the individual and sociocultural significance.

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFSC.

Introdução

Enquanto uma das categorias que subsidia a abordagem geográfica, a importância da paisagem tem variado no tempo: se em certos períodos tem sido vista como um conceito capaz de fornecer unidade e identidade à geografia, em outros foi relegada à uma posição secundária, suplantada pela ênfase em categorias como região, espaço, território ou lugar.

Nas últimas décadas, tem-se assistido a uma retomada do conceito de paisagem sob objetivos e visões diversos, na busca de uma compreensão mais integrada ou holística do meio ambiente.

Sempre intimamente associada à idéia de formas visíveis sobre a superfície da terra, a paisagem apresenta-se como um conceito abrangente e impreciso, e, em nossa opinião, assim deve permanecer, pois desse modo incita-nos a olhar para outros horizontes disciplinares a fim de ampliarmos e aprofundarmos a compreensão de sua natureza e significado.

Neste ensaio, nosso intento consiste em articular idéias que permitam pensar a paisagem como fenômeno vivido. Para tanto, recorreremos a autores cujas formulações teóricas se enquadram na corrente humanista do pensamento geográfico.

Geografia humanista: considerações simplificadas

O universo da geografia constitui-se não somente de países, cidades, propriedades agrícolas, mares, relevo, clima, etc., mas também de idéias, sentimentos, imagens e representações.

Enquanto as correntes científicas da geografia procuram a imparcialidade e a objetividade da análise, a abordagem humanista está marcada pelo envolvimento do pesquisador com o objeto e por assumir a subjetividade como parte da análise. Em outras palavras, pode-se dizer que a perspectiva humanista focaliza-se no estudo da imaginação e ação humanas e na análise objetiva e subjetiva de seus produtos.

Werther HOLZER (1992), corrobora com a tese de que a geografia humanista advém do empenho de geógrafos históricos e culturalistas, que a partir dos anos setenta, estão interessados em

renovar suas disciplinas (com contribuições da antropologia, psicologia, sociologia) através de estudos centrados na subjetividade das interações humanas com o ambiente. Quanto ao aporte filosófico, afirma o autor, ela recorre à fenomenologia-existencialista, cuja ênfase recai sobre a valorização do indivíduo e, por conseguinte, sobre a aceitação da subjetividade e da existência como fontes para o conhecimento. “Outro aspecto que deve ser apontado é que nunca houve um afastamento efetivo da geografia cultural, mas uma procura em se distinguir dos que se utilizavam do positivismo como método” (idem, 1997a).

De acordo com Yi-fu TUAN (1982), através do estudo da relação das pessoas com a natureza e dos seus sentimentos e idéias sobre os espaços, paisagens e lugares, a geografia humanista reflete sobre os fenômenos geográficos a fim de melhor entender o homem e sua condição.

Entre o conceito e o fenômeno

O surgimento da noção de paisagem vincula-se a uma maneira de ver e conceber o mundo, de compô-lo em uma cena. Michel COLLOT (1990), constata que o aparecimento da palavra nas línguas européias e as primeiras representações pictóricas datam do século XVI e são contemporâneas do Romantismo que, com sua teoria da paisagem como “estado da alma” acentuará o aspecto subjetivo e egocêntrico de nossa experiência espacial.

Comumente definida como “uma porção do espaço apreendida com o olhar”¹, é preciso reconhecer que esse processo perceptivo não se limita a receber passivamente os dados sensoriais, mas os organiza para lhes atribuir sentido(s). Assim – no que concerne a visão – considera RONAI (1976): “Não existe um olhar virgem, espontâneo, inocente. O olhar não é somente o

¹ Etimologicamente, o vocábulo em português provém do francês *paysage* e apresenta na definição do lexicógrafo FERREIRA (1989, p. 1018), conotações vinculadas à percepção espacial e à arte: “1. Espaço de terreno que se abrange num lance de vista. 2. Pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem natural ou urbana.”

exercício de um sentido (a visão), ele é também a produção de sentido (significação).” Portanto, a paisagem percebida é também construída.

Para COLLOT (1990), as definições de paisagem percebida nos remetem a três elementos essenciais: a idéia de *ponto de vista*, a de *parte* e a de *unidade*.

Primeiramente, a paisagem é definida em função do *ponto de vista* de onde é observada. Ela não é um objeto autônomo em face do qual o sujeito se situaria em uma relação de exterioridade; ela se revela numa experiência em que sujeito e objeto são inseparáveis, especialmente porque o sujeito se acha envolvido pelo espaço que é mensurado a partir dele mesmo (ponto zero da espacialidade).

Em segundo, a paisagem oferece a quem observa apenas *parte* de uma área. Essa limitação se liga a dois fatores: à posição do observador, que determina a extensão de seu campo visual, e ao relevo da área observada. As lacunas decorrentes dessa restrição manifestam-se por duas vias: pela circunscrição da paisagem dentro de uma linha, além da qual nada é visível (horizonte externo) e pela existência no interior do campo, de partes não visíveis (horizonte interno). Na convivência entre o olhar e a paisagem essas lacunas não são aspectos estritamente negativos; de alguma maneira elas são preenchidas pela percepção que ultrapassa o simples dado sensorial e completa as “falhas”. Assim, a parte de uma área que observo como paisagem nunca é considerada como absolutamente isolada, eu a percebo como parte de um espaço mais vasto que me é fornecido pela experiência direta (íntima) ou indireta (conceitual e simbólica).

Em terceiro, deve-se notar que esta limitação do espaço visível acaba assegurando a *unidade* da paisagem. Isto é, por não se deixar observar totalmente é que a paisagem se constitui como totalidade coerente. Um conjunto não se define senão pela exclusão de um certo número de elementos heterogêneos e é essa convergência que torna a paisagem apta a significar: “ela fala a quem olha” (ibidem, p. 24).

Em outras palavras afirma-se que a paisagem é definida pelas fronteiras do olhar e a ação de ver, além de apreender, organiza e interpreta os dados sensoriais. Para COLLOT (ibidem),

essa semantização e essa seleção evita que o indivíduo se depare com uma massa de informações com a qual ele não saberá o que fazer. Os horizontes são assim, um limite ao “caos sensorial”. Essa seletividade tem uma origem fisiológica e psicológica. De um lado a própria estrutura dos órgãos sensoriais é discriminante e contém “limites do espaço” (abertura de campo, condições de focalização retiniana, etc.); de outro, a mensagem seletiva é interpretada em função dos esquemas da experiência pessoal e ou sócio-cultural.

Noutro momento, reafirmando que a organização perceptiva não se limita ao material fornecido, o autor acrescenta que cada objeto é percebido e interpretado em função de seu contexto, especialmente quando se trata de percepção de paisagem, que é sempre “visão de conjunto”. Nesse caso, a percepção das distâncias, sem as quais não há paisagem, é um ato fundamental e implica em pensamento estritamente sofisticado. Razão pela qual as distâncias (escalas) gozam na paisagem de um certo privilégio simbólico e estético.

Mas a percepção espacial não depende só do olhar: o corpo inteiro está envolvido nele. Na opinião de COLLOT, a paisagem se define como o espaço ao alcance do olhar e a disposição do corpo, se revestindo de significados vinculados aos comportamentos possíveis. O ver amplia-se para um poder: o caminho é visto como a percorrer, o sino como audível, a fruta como comível... O corpo torna-se o eixo de uma verdadeira organização semântica do espaço que tem por base oposições como: alto-baixo, direita-esquerda, frente-atrás, próximo-distante, etc. Construídas a partir do corpo, essas duplas antitéticas são portadoras de significações que repercutem em todos os registros da experiência humana, e que fazem da paisagem um espelho da afetividade do sujeito (ibidem).

Tais idéias nos levam a enfatizar que enquanto fenômeno, ou seja, como um conjunto dinâmico no qual o sujeito vive, desloca-se e busca por significados, a paisagem não pode ser considerada isoladamente e nem ser dissociada do sujeito que a vivencia. Sob uma perspectiva humanista é preciso deslocar a atenção do objeto externo para os processos que ocorrem com os sujeitos que interagem com a paisagem. Não no sentido de determinar com precisão as forças físicas e psíquicas envolvidas,

mas de descrever e analisar a maneira pela qual eles partilham essas relações existenciais com o entorno.

Todos sabemos que o mundo das experiências pessoais é multifacetado. Numa perspectiva fenomenológica, o “mundo-vivido” é aquele mundo de significados, comprometimentos e ambigüidades das nossas vidas.² Para BUTTIMER (1982), a noção de mundo-vivido sugere essencialmente as dimensões pré-refletivas da experiência, tomadas como certas e determinantes das atitudes e do comportamento. Embora raramente seja objeto de reflexão, para cada ser humano o mundo-vivido geográfico possui maior ou menor grau de ordem e compreensibilidade e isso pode ser interpretado de muitos modos. Aqui, estamos mais interessados em abordá-lo com referência à paisagem.

Em nossas confrontações com o mundo, argumenta Edward RELPH (1979, p. 13), encontramos combinações de artefatos com os aspectos naturais e se chamamos ou não de paisagem, sua presença é inevitável. “Esses ambientes palpáveis são paisagens, que não somente possuem conteúdo e substância mas também são os cenários significantes das experiências diárias e das excepcionais.”

Na opinião de Eric DARDEL (1952, p. 41): “Algo mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido. Há uma ligação interna, uma ‘impressão’, unindo todos os elementos.” A princípio, essa ligação interna que une os elementos da paisagem é a presença do homem e seu envolvimento nela. Assim, cada paisagem tem seu próprio conjunto e contém significados específicos para nós. Não obstante, qualquer paisagem é diferente e ao mesmo tempo possui similaridades com outras, pois além dos atributos e formas comuns, nós a vemos através dos mesmos olhos e preconceitos.

Fica claro, diante destas idéias, que mesmo que as pessoas olhem no mesmo instante para a mesma direção não poderão ver a

² Conhecida normalmente como estudo descritivo dos fenômenos, a Fenomenologia, de acordo com HOLZER (1997b, p. 77-78), têm objetivos afins com a geografia: o de estudar a constituição do mundo. No caso da fenomenologia a tarefa consiste em analisar as vivências intencionais da consciência para perceber como aí se produz o sentido dos fenômenos.

mesma paisagem. Poderá haver consenso na visão de muitos elementos (árvores, casas, rios, estradas, montanhas) em termos de número, forma, cor, textura, distância, etc., mais tais fatos precisam ser ajustados de acordo com algum sistema de idéias para adquirirem sentido ou significado. “Dessa maneira nós confrontamos o problema central: qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde dentro de nossas cabeças [...] nós estamos preocupados não com os elementos mas com a essência, idéias organizadoras que utilizamos para dar sentido àquilo que vemos.” (MEINIG *apud* HOLZER, 1992, p. 208).

Paisagem e geografia

Na medida em que são experienciadas diretamente como atributos do mundo-vivido, paisagens, assim como espaços e lugares, constituem as bases fenomenológicas da realidade geográfica e representam sentido dos nossos envolvimentos com o mundo. Conquanto, convém lembrar que sob a perspectiva da experiência não há limites rígidos entre as categorias espaciais e nem a relação entre elas é constante: “Lugares têm paisagens, paisagens e espaços têm lugares” (RELPH, 1979, p. 16). Embora, comumente, esses significados possam se sobrepor, há algumas nuances que diferenciam teoricamente as três noções espaciais.

TUAN (1983), observa que espaço e lugar indicam experiências comuns e seus significados às vezes se fundem, porém, o espaço é mais abstrato enquanto que a noção de lugar se refere a centros aos quais atribuímos valor (moradia, abrigo, alimentação, lazer, etc.). Tratam-se de idéias complementares: o que começa como espaço indiferenciado acaba assumindo a configuração de lugar ao conhecermos e o dotarmos de valor. Citado por HOLZER (1992, p. 225), é também TUAN que propõe a distinção entre cena ou paisagem e lugar: “Uma cena pode ser um lugar, mas a cena em si não é um lugar. Falta-lhe estabilidade: é da natureza de uma cena a propriedade de se alterar a partir de cada mudança de perspectiva, enquanto que [...] é da natureza do lugar que ele apareça como tendo uma existência estável [...]”

Para DARDEL (1952, p. 2), as relações humanas com espaços, paisagens e lugares são chamadas de “geograficidade” (*geographicité*). Mais vivida do que expressa, a geograficidade é uma idéia que encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes nos quais vivemos. Quando são positivas e agradáveis são experiências *topofilicas*, mas quando são negativas, desagradáveis ou repulsivas, são experiências *topofóbicas*. Topofilia e topofobia estão associadas com o caráter do ambiente e com os valores e atitudes daqueles que o experienciam.

Geograficidade inclui os bons e os maus encontros com os ambientes e, possivelmente, a atração por um e o desagrado pelo outro adquiram suas forças e qualidades através da comparação. HOLZER (1992), concorda que a geograficidade é esta cumplicidade constante entre o homem e o seu entorno; que se desenrola em um espaço material do qual a existência humana não pode se descartar. Ele está sempre ligado a nós e sua experiência é sempre antropocêntrica, pois a matéria tem um valor de utensílio.

É provável que a geograficidade seja extremamente complexa e isso pode ser inferido constatando-se a variedade de atitudes e comportamentos humanos. Além disso, assim como o mundo-vivido, a geograficidade está constantemente sendo obscurecida por conceitos, idéias e explicações. “Como consequência, a relação e a experiência da geograficidade cessam de ser de profundo envolvimento e significado; espaços são um pouco mais que vazios entre objetos, paisagem é o cenário de fundo e lugares são simplesmente localizações das atividades.” (DARDEL, 1952; RELPH, 1979, p. 21).

É preciso, contudo, enaltecer o conceito de paisagem por entender que ele se torna singular no quadro de uma geografia efetivamente humanista. Para COSGROVE (1998), ao contrário do conceito de *lugar*, o de *paisagem* lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de *espaço* ou *ambiente*, ele nos diz que apenas através da consciência e razão humana este esquema pode ser conhecido. Ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a geografia está em toda a parte, que é uma fonte constante de beleza e feiúra, de alegria e sofrimento, de acertos e erros.

Sobretudo, pelo que vimos até então, paisagem é uma fonte incessante de significação e uma vez acessível ao olhar e à mente

torna-se guia para as ações e condutas humanas; não se trata de um horizonte fixo e estático, mas construído de movimento, valores e sentimentos. Ao incluir aquilo que tem significância para os diferentes sujeitos, a paisagem deixa de ser o pano de fundo das atividades e acontecimentos e integra-se à existência humana.

Campo de visibilidade e de significação

Aceita como texto a paisagem serve a uma multiplicidade de leituras. Augustin BERQUE (1998), alerta para o fato de que é preciso compreendê-la de dois modos: enquanto *marca*, ela é vista por um olhar, experienciada por uma consciência, valorizada por sua utilidade e por sua estética, regulamentada por uma política, etc., e, enquanto *matriz*, ela determina esse olhar, essa consciência, essa valoração, essa política, etc.

Este duplo sentido também pode ser reconhecido – a partir das idéias que articulamos neste ensaio – no enquadramento da paisagem como campo de visibilidade e de significação. Em sua dimensão visível ou morfológica, a paisagem tende a ser definida como um conjunto de formas naturais e culturais existentes e associados em uma dada área (CORRÊA e ROZENDAHL, 1998). Já em sua dimensão semântica, é preciso ter em mente que o arranjo de formas naturais e/ou artificiais assume diferentes sentidos segundo o “modo de olhar” (atribuir significados). Oferecida à nossa percepção e, ao mesmo tempo, produto de nossas experiências, a paisagem traduz-se como campo de significação individual e sócio-cultural (BARBOSA, 1998); indicando que essa categoria geográfica deve ser considerada em seu caráter pluridimensional, isto é, como um campo de coexistência de diversos fenômenos interrelacionados.

Sobretudo, tomar a paisagem como campo de significação, é concebê-la como encontro de lógicas provenientes de diferentes escalas (indivíduo-grupo-sociedade). Lógicas essas, determinantes e determinadas pelos diferentes atores sociais que interagem e se apropriam diferentemente da paisagem. Para sermos coerentes com a realidade é preciso dizer que por esse viés, a paisagem também se apresenta como campo de sobreposição de interesses, e, portanto,

reveladora de tensões e conflitos sócio-ambientais que são constituintes dos próprios atores.

Acreditamos que é o exame de diversas rubricas, fazendo com que se iluminem reciprocamente (o morfológico sendo iluminado pelo político, este pelo psicológico, aquele pelo ecológico), que torna a paisagem um campo de visibilidade e de significações. Diante das limitações e dificuldades de realizar tal tarefa, BERQUE (1998), nos encoraja lembrando que se tais laços não existissem, não haveria nem sociedade e nem paisagem.

Considerações finais

Pensando a paisagem como mediação entre o mundo das coisas e aquele da subjetividade humana, admite-se que ao inventariar e decodificar os significados das paisagens à nossa volta estamos refletindo sobre nossos próprios papéis para reproduzir a cultura e a geografia humana de nosso mundo diário.

BERQUE (1998), nos fala que a paisagem é plurimodal, assim como é o sujeito para o qual a paisagem existe. Enquanto fenômeno vivido, admite-se que tanto pela diversidade de arranjos e cenários como pelas diferentes maneiras de olhar e atribuir significados, seria mais adequado referir-se a paisagens que emanam de uma mesma paisagem. Daí se preferir encerrar esse ensaio com uma apreciação poética daquilo que é sua essência:

*Paisagem /paisagens:
Sentido dos sentidos,
paisagens surgem de uma única paisagem.
Sonhos ecoam num só espaço;
acordam realidades: complexas, ambivalentes, ambíguas.
Realidades que desvelam não só as inúmeras faces da paisagem,
mas a busca do "olho" por um significado, por uma leitura,
por um lugar onde a atenção despendida traduza
ordem, sentido, valor, identidade.
Paisagens são perspectivas!
São espelhos que refletem nossos sentimentos e pensamentos,*

*anseios e medos.
Nossa individualidade na individualidade do entorno.
Armazenadas na memória e na alma...
antes de serem efêmeras, paisagens são duradouras...
antes de comporem apenas quadros e cartões postais,
são "substâncias" que integram e animam nossas vidas.*

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Jorge Luiz. Paisagens americanas: imagens e representações do *wilderness*. **Espaço e cultura**, n. 5, jan./jun. 1998. p. 43-53.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 84-91.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.
- COLLOT, Michel. **Pontos de vista sobre a percepção das paisagens**. Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro, v. 20, n. 39, p. 21-32, 1990.
- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: _____ (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. 123 p.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 92-123.
- DARDEL, Eric. **L'Homme et la terre: nature de la réalité géographique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1952. 133 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

- HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Pós-graduação em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. 550 p.
- _____. **A geografia humanista: uma revisão**. **Espaço e cultura**, n. 3, jan. 1997a. p. 8-19.
- _____. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. **Território**, ano II, n. 3, jul./dez. 1997b. p. 77-85.
- RELPH, Edward. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. **Geografia**, v. 7, n. 4, p. 1-25, abr. 1979.
- RONAI, Maurice. **Paysages**. **Hérodote**, n. 1, p. 125-159, 1976.
- TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística**. In: **Perspectivas da Geografia**. CHRISTOFOLETTI, A. (org.). São Paulo: Difel, 1982. p. 143-164.
- _____. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.